

## O Mundo Habitado Visto pelo Islã Medieval

C. F. BECKINGHAM \*

LA GEOGRAPHIE HUMAINE DU MONDE MUSULMAN JUSQU'AU MILIEU DU 11<sup>e</sup> SIECLE. Tome 2. Géographie arabe et représentation du monde: la terre et l'étranger. By André Miquel. Paris: Mouton, 1975. XXVII, 705 pp. Maps, diagr. ill., bibliogr. ind. 24 cm. (Ecole Pratique des Hautes Etudes, Sorbone, Sixième Section: Sciences Economiques et Sociales. Centre de Recherches Historiques. Civilisations et Sociétés 37) F 240.

O TÍTULO deste livro é, de certa forma, enganador. Não se trata do que normalmente se compreende por uma “geografia humana” do mundo muçulmano durante os primeiros quatro séculos de sua existência e sim uma tentativa apurada de reconstruir o mundo tal qual se apresentava aos muçulmanos daquela época. Num primeiro volume o Sr. Miquel examina as fontes de informação (Miquel, 1973). O volume em questão diz respeito à terra como um todo e aos países não-muçulmanos e o terceiro trata do próprio mundo muçulmano. O empreendimento é um esforço notável no sentido de manter a erudição. É, na verdade, uma reorganização sigilosa da literatura geográfica muçulmana do período a que se refere, sendo evidente o seu

\* O autor do comentário é professor de Estudos Islâmicos na Universidade de Londres. Transcrito de *The Geographical Journal*, vol. 143, parte I, march 1977, com autorização da Royal Geographical Society.

valor. Este livro complexo foi impresso com cuidado louvável. Encontrei poucos erros de imprensa, aliás, sem qualquer importância. Sua utilidade é grandemente acentuada por 3 índices, um de nomes próprios, outro de vocábulos transliterados e um índice analítico, compilado com esmero admirável por Marthe Briata.

Erros fatuais são muitos raros em qualquer um dos 3 volumes. Entretanto, é ilusório afirmar que Zanzibar e Oman “*ont toujours compté de fortes communautés ismaéliennes*” (tenham sempre possuído sólidas comunidades ismaelianas — Miquel, 1973 p. 207 n. 2). Não há razão para se supor que as comunidades ismaelianas se tenham estabelecido em cada país nos primeiros séculos do movimento. Além disso, fomos informados de que, no século X, escravos sudaneses reforçaram os “*contingents bantous exportés par la côte orientale de l’Afrique*” (contingentes bantos exportados pela costa oriental da África — Miquel, 1973 p. 334). Grande parte dos escravos exportados da África Oriental eram provavelmente falantes de idiomas camíticos ou etiópicos em vez de bantos; mais tarde esses escravos e seus descendentes se tornaram conhecidos na Índia como “Habshis”, isto é, Abissínios. Nem sabemos precisamente onde havia falantes de banto no século X. Mas só podemos discordar dessas insignificâncias ocasionais.

O livro não é fácil de se ler. Não quero dizer com isso que o Sr. Miquel não escreva bem; o estudioso profissional que não pode se expressar coerentemente em sua própria língua é mais raro na França do que nos países de língua inglesa. Entretanto, o trabalho é tão abrangente que muitas informações e observações interessantes e pertinentes foram colocadas inevitavelmente em notas de pé de página. Felizmente tais notas foram impressas no final das páginas às quais se referem, havendo traços verticais para chamar atenção sobre as de especial importância. Entretanto, no decorrer de uma única frase, o leitor pode ser várias vezes interrompido por observações que não pode se dar ao luxo de ignorar. Há uma outra dificuldade ainda mais séria. Trata-se do problema de tirar a madeira das árvores. Os geógrafos muçulmanos registraram uma grande variedade de fatos, fatos supostos, estórias, precisas ou não, freqüentemente contraditórias, às vezes irreconhecíveis, às vezes fantasiosas ou absurdas, ou que talvez não devessem ser levadas a sério. Uma tentativa de reproduzi-los e classificá-los em um só livro é inevitavelmente estonteante. O leitor poderá desejar que lhe seja fornecido, antes de mais nada, um guia elementar das idéias muçulmanas básicas sobre o mundo. Talvez o Sr. Miquel eventualmente o forneça; espera-se que sim, pois o elaboraria com autoridade incomparável. Precisamos de um livro que aborde o Islã clássico da mesma forma com que o falecido C. S. Lewis abordou a Europa Ocidental Medieval em *The Discarded Image*. Na verdade, muitas coisas que ele escreveu são aplicáveis tanto ao mundo muçulmano como ao mundo latino.

Isso não nos surpreende, já que ambas as culturas estavam imbuídas de profundo respeito pela antigüidade clássica. Em ambas havia uma predisposição para a autoridade escrita, a partir da qual tende-se a tirar conclusões erradas. Como Lewis (1964, p. 5) escreveu, “se essas culturas forem consideradas como uma reação ao meio ambiente, os elementos desse meio ambiente aos quais elas reagiam mais ativamente eram os manuscritos”. Isso não se deve ao fato de serem ingênuas. Quando Conrad Gesner, por exemplo, afirmou, na autoridade de Aristóteles, que leões seriam encontrados apenas em um lugar específico da Europa, na Trácia, não acho que devamos presumir que ele não con-

cebesse a idéia de que a fauna local poderia ter mudado no decorrer de 18 séculos. Trata-se muito mais do fato de que o mundo, como Aristóteles o descreveu, é um ponto de referência que, antes de mais nada, se deve conhecer; quando as condições atuais divergem, elas são aberrantes. Da mesma forma, o Sr. Miquel observa que *"le thème de l'impôt foncier... d'une province célèbre, par exemple, peut se retrouver intact à un demi-siècle d'intervalle, comme si, entre temps, l'histoire eût été immuable"* (o tema do imposto predial... de uma província célebre, por exemplo, pode ficar intacto durante um intervalo de meio século, com se, nesse ínterim, a história tivesse permanecido imutável — 1975, p. x).

Entretanto, no Islã Medieval, outro elemento foi absorvido com muito mais vigor do que qualquer influência correspondente na cristandade ocidental. Trata-se do que os árabes chamavam de *adab*, que aqui significa, aproximadamente, o que se costumava chamar de "beletrística". Um dos méritos desse livro é que o autor tem consciência da importância deste conceito para compreender muitas, senão todas, as suas fontes. Estamos cômicos de sua dívida, por ele reconhecida, a Charles Pellat, que tanto contribuiu para melhorar nossa compreensão de *adab*, através de estudos sobre seu grande expoente Jahiz, do século IX. Ao comentar sobre a função de um escritor nesse período, o Sr. Miquel escreve: *"pour un écrivain de métier, à cette époque, l'acte d'écrire, rigoureusement différent de celui que nous imaginons aujourd'hui, vise à affirmer son auteur non pas comme individu, mais comme membre, à part entière, d'un groupe social"* (para um escritor profissional, nesta época, o ato de escrever, rigorosamente diferente do que imaginamos hoje, visa a afirmar seu autor, não como indivíduo, mas como membro especial de um grupo social — 1973, p. 118). Em relação à descrição da Arábia feita por Hamdani, obra de grande valor para os arqueólogos, ele observa que ela pertence a *"une lignée d'oeuvres soucieuses de mots plus que de réalités concrètes, de significations plus que d'objets. L'important, pour elle, n'est pas tant de savoir ce qui est, que de savoir ce que parler veut dire"* (um grupo de obras que se preocupa mais com palavras do que com realidades concretas, mais com significações do que com objetos. Para elas não é tão importante saber o que existe, mas sim saber o que a linguagem quer dizer — 1973, pp. 248-9). Esta preocupação em pertencer a uma tradição, esta reverência à autoridade e a ausência de qualquer desejo observável de fazer uma contribuição pessoal ao conhecimento devem ser lembradas quando o escritor medieval, árabe ou latino, é acusado, como acontece frequentemente, de plágio. A acusação não tem sentido. Como diz o Sr. Miquel: *"loin d'être une faiblesse ou une facilité, l'emprunt... est la sanction de la connaissance et de l'art tout ensemble... la création ne se conçoit guère que sous la forme de retouches perpétuellement apportées à un legs commun"* (longe de ser uma fraqueza ou uma comodidade, o empréstimo é, ao mesmo tempo, a sanção do conhecimento e da arte... só se concebe a criação sob a forma de retoques constantes feitos a partir de um legado comum — 1973, p. 357). Em todas as partes esse livro se caracteriza pela percepção do autor sobre tais fatores. Será um erro se os numerosos estudiosos que, sem dúvida, o utilizarão, esquecerem de que, normalmente, os geógrafos muçulmanos não se preocupavam em responder às perguntas que nos preocupamos em colocar para eles, e que, quando isso acontecia, era, na maioria das vezes, por acaso e por mera consequência.

## OBRAS DE REFERÈNCIA:

LEWIS, C. S. 1964 — *The discarded image: an introduction to medieval and renaissance literature*. Cambridge University Press.

MIQUEL, A. 1973 — *La géographie humaine du monde musulman jusqu'au milieu du 11.<sup>e</sup> siècle*. Tome 1. Géographie et géographie humaine dans la littérature arabe des origines à 1050. 2nd edn. Paris: Mouton.